

O processo de identificação sexual na adolescência: um estudo qualitativo no Rio de Janeiro, Brasil

The process of sexual identification in adolescence: a qualitative study in Rio de Janeiro, Brazil

El proceso de identificación sexual en la adolescencia: un estudio cualitativo con estudiantes de secundaria en Rio de Janeiro, Brasil

Recebido: 16/10/2020 | Revisado: 19/10/2020 | Aceito: 23/10/2020 | Publicado: 24/10/2020

Thenessi Freitas Matta

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8247-1671>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: thenessi@gmail.com

Stella Regina Taquette

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7388-3025>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: stella.taquette@gmail.com

Luciana Maria Borges da Matta Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7053-5903>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: luborges10@gmail.com

Claudia Leite de Moraes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3223-1634>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: clmoraes@gmail.com

Resumo

Objetivo: analisar como adolescentes percebem o processo de identificação/definição da orientação do desejo sexual. Metodologia: estudo de abordagem qualitativa por meio de grupos focais com estudantes do ensino médio de escolas pública e privada. Foram realizados 5 grupos focais totalizando 59 estudantes, de 13 a 18 anos, sendo 37 do sexo feminino e 22 do masculino. As reuniões foram gravadas e transcritas e os dados submetidos à análise de natureza compreensiva com auxílio do software WebQDA. Resultados: os dados foram classificados em duas categorias de identificação/definição da orientação sexual: uma

resultante de influências da família, sociedade, mídia e religião; e outra estabelecida pela natureza e experimentação. Na primeira há o reconhecimento dos condicionantes de gênero desde tenra idade e a opressão heteronormativa da sociedade. Na segunda categoria prevaleceu o entendimento de que a atração sexual surge com a puberdade e, na visão preponderante das moças, há necessidade de testar para se ter certeza da orientação do desejo, que pode mudar em qualquer época da vida, demonstrando maior fluidez da identidade sexual no sexo feminino. Conclusão: o processo de identificação e definição da orientação sexual é marcado pela heteronormatividade que demonstra constranger as possibilidades de expressão da sexualidade.

Palavras-chave: Adolescência; Sexualidade; Heteronormatividade; Gênero; Grupos focais; Comportamento sexual.

Abstract

Objective: to analyze how adolescents perceive the process of identifying/defining the orientation of sexual desire. Methodology: a qualitative study using focus groups with high school students from public and private schools. Five focus groups were carried out, totaling 59 students, from 13 to 18 years old, being 37 females and 22 males. The meetings were recorded and transcribed and the data submitted to a comprehensive analysis with the aid of the WebQDA software. Results: the data were classified into two categories of identification/definition of sexual orientation: one resulting from influences from family, society, media and religion; and another established by nature and experimentation. In the first, there is the recognition of gender constraints from an early age and the heteronormative oppression of society. In the second category, the understanding prevailed that sexual attraction arises with puberty and, in the predominant view of girls, there is a need to test to be sure of the orientation of desire, which can change at any time of life, demonstrating greater fluidity of identity sexual activity in females. Conclusion: the process of identification and definition of sexual orientation is marked by heteronormativity that demonstrates constraining the possibilities of expressing sexuality.

Keywords: Adolescence; Sexuality; Heteronormativity; Gender; Focus groups; Sexual behavior.

Resumen

Objetivo: analizar cómo los adolescentes perciben el proceso de identificación/definición de la orientación del deseo sexual. Metodología: estudio cualitativo utilizando grupos focales con

estudiantes de secundaria de escuelas públicas y privadas. Se realizaron cinco grupos focales, totalizando 59 estudiantes, de 13 a 18 años, siendo 37 mujeres y 22 hombres. Las reuniones se grabaron y transcribieron y los datos se sometieron a un análisis exhaustivo con la ayuda del software WebQDA. Resultados: los datos se clasificaron en dos categorías de identificación/definición de orientación sexual: una resultante de influencias de la familia, la sociedad, los medios y la religión; y otro establecido por la naturaleza y la experimentación. En el primero, está el reconocimiento de las limitaciones de género desde una edad temprana y la opresión heteronormativa de la sociedad. En la segunda categoría, prevaleció el entendimiento de que la atracción sexual surge con la pubertad y, en la visión predominante de las niñas, existe la necesidad de testear para estar seguros de la orientación del deseo, que puede cambiar en cualquier momento de la vida, demostrando mayor fluidez de identidad. actividad sexual en mujeres. Conclusión: el proceso de identificación y definición de la orientación sexual está marcado por la heteronormatividad que demuestra restringir las posibilidades de expresión de la sexualidad.

Palabras clave: Adolescencia; Sexualidad; Heteronormatividad; Género; Grupos focales; Comportamiento sexual.

1. Introdução

A adolescência é uma fase caracterizada por diversas transformações, entre elas uma mudança na vivência da sexualidade que passa a incluir uma parceria sexual. Trata-se de momento da vida de grande curiosidade sexual e intensa experimentação. A puberdade marca o início das transformações que conduzirão a vida sexual infantil para a vida adulta. A identificação sexual depende de variados fatores, genéticos, hormonais, psicológicos e socioculturais (Bley et al., 2012; Heilborn, 2006).

As singularidades de cada indivíduo, segundo suas interações com o mundo, expectativas e exigências culturais desempenham papel relevante na construção da identidade sexual. O sexo biológico, a identidade de gênero e a orientação ou desejo sexual são componentes desta identidade. O primeiro é determinado no nascimento e se refere às características genótípicas e fenótípicas do corpo. A identidade de gênero tem seu desenvolvimento desde o nascimento de acordo com o que a sociedade considera adequado para o comportamento masculino e feminino. O que é ser homem numa determinada sociedade pode muito diferir de outra que tenha padrão cultural de gênero diverso. A orientação sexual é um componente da identidade que inclui a atração sexual e emocional de

uma pessoa a outra pessoa, bem como o comportamento e / ou afiliação social que pode resultar desta atração (Thomas et al., 2020). Ela se manifesta especialmente a partir da adolescência (Calzo & Blashill, 2018).

O processo de identificação e de definição da orientação sexual não acontece sem traumas para todos, pois o padrão heteronormativo da sociedade rejeita outras formas de ser que não o heterossexual e o sexo binário, masculino e feminino (Dinis, 2011). Adolescentes que têm atração por pessoas do mesmo sexo frequentemente se sentem estranhos e inadequados, o que interfere no seu processo identificação sexual. Trata-se de período da vida de inquietações, dúvidas e inseguranças que tornam os indivíduos mais vulneráveis a abusos e discriminações (Taquette & Rodrigues, 2015).

O espaço social é potencialmente opressor com aqueles que não seguem estritamente o padrão heteronormativo. Nesta perspectiva, só é considerado normal o relacionamento erótico entre dois sexos diferentes, o que limita as possibilidades dos indivíduos. Além disso, promove exclusão, segregação e discriminação dos sujeitos sociais que não se enquadram neste padrão, que são as raízes da homofobia presente na sociedade (Borillo, 2010). Indivíduos das minorias sexuais estão mais expostos a experiências adversas na infância e a autolesões do que os heterossexuais (Li et al., 2019).

A sexualidade parece ter sido vivida de forma mais livre até o século XVII quando então passou a ser reprimida para restringi-la à função reprodutiva. De acordo com Foucault (1999), a repressão ao livre exercício da sexualidade teve como principal função assegurar o povoamento da sociedade e a reprodução da força de trabalho na época de surgimento do modo de produção capitalista. Assim foi possível se ter uma sexualidade útil do ponto de vista econômico e politicamente conservadora, tendo a família nuclear como modelo. Todas as outras manifestações sexuais e composições familiares não reprodutivas foram consideradas anormais e se mantiveram assim através dos tempos (Foucault, 1999).

Diante deste cenário social de heterossexualidade obrigatória, pressupomos que aqueles que não se enquadram neste padrão passam por dificuldades que frequentemente levam a consequências negativas para a saúde, especialmente na adolescência e nos perguntamos como os próprios adolescentes percebem o processo de identificação sexual. Diversos estudos evidenciam que adolescentes não heterossexuais são vítimas frequentes de violência, sofrem rejeição da própria família, se sentem isolados socialmente, têm maiores índices de ansiedade e depressão que podem culminar com tentativas de suicídio (Blais, Gervais, & Hébert, 2014; Ortiz-Hernández & Valencia-Valero, 2015; Teixeira-Filho & Rondini, 2012).

O objetivo do estudo foi analisar como adolescentes percebem o processo de identificação e definição da orientação sexual com vistas a ampliar este conhecimento e assim subsidiar programas e políticas para redução dos agravos resultantes da opressão que sofrem aqueles que fogem da heteronorma e consequente garantia dos direitos sexuais e reprodutivos.

2. Metodologia

População de estudo e abordagem metodológica

Este estudo está inserido em pesquisa maior quali-quantitativa sobre sexualidade e violência entre adolescentes e jovens, realizada com estudantes do segundo ano do ensino médio, de ambos os sexos, da IX região administrativa da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. A eleição deste público-alvo se deu pela maior probabilidade de já terem experiência sexual e ainda estarem na faixa etária da adolescência. A região foi escolhida por conveniência, por ser a localidade da instituição em que trabalha a equipe da pesquisa e por já haver alguma integração com as escolas da área, advindas de parcerias prévias.

A parte a pesquisa a que se refere esse artigo é de natureza qualitativa, em que se buscou a compreensão de significados mais profundos dos fenômenos em estudo (Taquette & Borges, 2020). A técnica escolhida foi o grupo focal, que permite a coleta de dados por meio das interações entre os indivíduos e é recurso valioso para se compreender o processo de construção de percepções, atitudes e representações sociais dos grupos humanos e o contexto de relação onde são produzidos. Portanto, apropriado para dar respostas aos questionamentos do estudo. Os grupos foram conduzidos de forma a garantir a participação equilibrada de todos seus componentes.

Trabalho de campo

Os dados foram coletados durante o ano letivo de 2016 em escolas selecionadas por sorteio. Inicialmente a equipe da pesquisa procurou pessoalmente os estabelecimentos escolares a fim de solicitar permissão para realização das reuniões de grupo focal no horário das aulas. Estando de acordo, era agendado um dia e horário para a coleta de dados. No dia marcado a coordenação da escola conduziu os pesquisadores para uma sala de aula. Após o assentimento/consentimento dos alunos presentes e com autorização prévia dos responsáveis foi iniciado o grupo focal. Não houve recusas à participação. Realizamos cinco grupos focais,

três com participantes de ambos os sexos, um com rapazes e um com moças, que envolveu um total de 59 estudantes, 37 do sexo feminino e 22 do masculino. Quatro reuniões (2 grupos mistos e 2 separados por sexo) ocorreram em 2 colégios privados e 1 (misto) em escola pública.

Procedimentos de coleta e registro de dados

O grupo focal obedeceu a roteiro que incluiu questões relacionadas à sexualidade, e sobre a forma como os alunos descobrem e compreendem a orientação sexual. No início das reuniões os integrantes escolhiam apelidos para garantir o anonimato das informações. Ao final de cada reunião foi aplicado questionário auto preenchível para coleta de dados sociodemográficos e informações sobre iniciação e experiência sexual. Cada grupo foi conduzido alternadamente por no mínimo dois pesquisadores da equipe, sendo um moderador e um observador. A duração média dos grupos foi de 60 minutos. As reuniões foram gravadas em áudio, posteriormente transcritas.

Toda a equipe da pesquisa, composta por profissionais de medicina, enfermagem, psicologia e serviço social participou da coleta de dados e análise dos mesmos. Não havia nenhum relacionamento prévio entre os pesquisadores e os pesquisados. O critério amostral foi a saturação de conteúdo.

Análise dos dados

Realizamos a análise compreensiva dos dados em busca de entender o sentido atribuído pelos participantes ao processo de identificação e definição da orientação sexual. Utilizamos o software webQDA no apoio ao armazenamento e classificação dos resultados. A análise foi conduzida através dos seguintes passos, balizados por Denzin & Lincoln (2018): leitura e releitura compreensiva dos dados textuais; classificação dos relatos e recorte e colagem do texto de acordo com os temas que emergiram; debate interdisciplinar entre os membros da equipe; diálogo comparativo com a literatura; e elaboração de síntese interpretativa. O processo de análise foi conduzido em reuniões com toda a equipe de pesquisa após a leitura e releitura das transcrições em que os insights dos pesquisadores eram debatidos, assim como as concordâncias e discordâncias entre seus membros, em diálogo com resultados de outros estudos publicados em periódicos científicos.

A análise dos dados empreendida pela equipe foi fundamentada pela compreensão de

que os indivíduos identificam e definem sua orientação sexual, ou seja, passam a ter maior clareza para quem direcionam seu desejo sexual, durante a fase da adolescência e início da vida adulta (Calzo & Blashill, 2018; Mmari et al., 2017; Taquette & Rodrigues, 2015).

Utilizamos o termo homofobia indistintamente para qualquer manifestação de discriminação contra indivíduos de ambos os sexos biológicos que têm comportamento de gênero e/ou atração sexual diversos do padrão hegemônico, sendo estes classificados como minorias sexuais.

Aspectos éticos

O estudo atende às normas éticas contidas na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 18/09/2015, CAAE nº 48107514.2.0000.5282 e autorizado pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Todos os participantes, após autorização de seus responsáveis assinaram Termo de Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido. Houve garantia de confidencialidade e privacidade dos dados.

3. Resultados

A idade dos adolescentes variou de 13 a 18 anos, sendo a moda 16 anos e a média 16,5 anos. Apenas 10,2% dos estudantes referiu ter prática religiosa mais de uma vez por semana, sendo metade católica e metade espírita. Um percentual maior das moças (67,6%) informou já ter tido prática sexual do que entre os rapazes (54,5%). Apenas dois participantes, ambos do sexo feminino, informaram relações homossexuais.

Na análise dos dados textuais emergiram duas categorias principais: (1) Identificação/definição da orientação sexual resultante de influências diversas como: a família, o meio social, a mídia e a religião; e (2) Identificação/definição da orientação sexual estabelecida pela natureza e pela experimentação. Não observamos diferenças relevantes entre as narrativas dos alunos das escolas públicas e das privadas. Tampouco houve discrepâncias nos grupos de acordo de acordo com sua composição, se misto ou por sexo. Por este motivo, os dados de todos os grupos foram analisados conjuntamente. Os recortes de fala apresentados a seguir estão identificados apenas pelo sexo. Os dados sociodemográficos dos participantes, coletados ao final de cada reunião foram identificados pelos apelidos. Como nem sempre o participante anunciava seu apelido antes de falar, apesar de orientado nesse sentido, não foi

possível através da escuta das gravações saber quem estava falando e, conseqüentemente, as falas apresentadas a seguir não contêm a informação sobre a idade. Porém, acreditamos que este fato não altera a análise dos resultados, pois se trata de um grupo homogêneo de adolescentes do segundo ano do ensino médio.

Identificação/definição da orientação sexual resultante de influências diversas como: a família, o meio social, a mídia e a religião

Na primeira categoria observamos nas discussões nos grupos que frequentemente houve quem falasse de gênero e orientação sexual como conceitos de mesmo significado. Nestes momentos, alguns pares demonstraram discordâncias, afirmando serem aspectos diferentes da sexualidade.

Para parte de nossos entrevistados, as pessoas são educadas nas famílias e na sociedade para serem heterossexuais, como exemplificado a seguir:

- *“Mas tem algumas pessoas que os pais de tanto falarem fazem elas mudarem de ideia, entendeu? (de orientação sexual) De ele mudar realmente”*. (aluno).

- *“Mas eu acho que o que influencia muito é a convivência em casa. Em casa é que começa tudo. Vamos supor, você nasce garoto, aí, normalmente tem aqueles pais que falam “ah, as garotas, e tudo mais”. Meio que influencia a seguir uma orientação sexual.”*. (aluno)

O tema homofobia surgiu espontaneamente nas narrativas dos estudantes, a partir do debate sobre como se dá a descoberta da atração sexual, ao se referirem àqueles que têm desejos direcionados a pares do mesmo sexo. Eles mencionaram inclusive que a rejeição da identidade não heterossexual pelos familiares pode levar a não aceitação pelo próprio adolescente.

- *“A pessoa não muda a sua sexualidade. Você não muda o seu desejo. Você só finge que sim. Ela fala pra todo mundo que é hetero. O que é triste, porque a pessoa vai estar sofrendo, entendeu?”* (aluna)

Em contrapartida, muitos adolescentes, em sua maioria rapazes, entendem que a forma atual como a questão da diversidade sexual é tratada nos diversos meios de comunicação pode vir a influenciar garotos e garotas a se tornarem gays e lésbicas. Relatam que, ao terem demasiado contato com casais homossexuais, as crianças podem ter dificuldade em suas escolhas sexuais futuramente.

- *“...verem homem beijando outro homem, aí daqui a pouco acha maneiro. Aí, não é nada, mas é influência. Vai achar que é normal. E tem aquela mania de ver e fazer.”*
(aluno)

Entretanto, uns destacam não concordar com essa afirmação:

- *“Gente, essa coisa de você dizer que influencia é quase como você dizer que a criança que é criada por um casal hetero, vai ser hetero, e porque é criado com casal homoafetivo ela vai virar uma pessoa homoafetiva.”* (aluna)

Foi destacado pelos entrevistados que a pressão da sociedade é um dos principais fatores que influenciam na identificação sexual. Mesmo que a pessoa não concorde, torna-se difícil para ela não seguir o que a sociedade determina como certo e errado, normal e anormal. Toda a educação e formação dos indivíduos é conduzida pelo padrão hegemônico do comportamento de gênero e da heteronormatividade. Seguem algumas falas que ilustram estas ideias:

- *“A heterossexualidade é maior no mundo. É mil vezes maior. Então, é óbvio que a criança vai seguir aquilo. Pois a criança se forma aonde? No planeta Terra. O Planeta Terra, ele é heterossexual.”* (aluna)

- *“É a mídia, a indústria e etc. É isso tudo. Então, não adianta você falar que tem que ensinar o certo. Porque o certo é o que a sociedade fala...”*. (aluna)

Outra influência frequentemente citada foi a advinda da religião. Alguns concordam que o adolescente pode seguir o que prega a religião, porém com grande carga de sofrimento quando internamente ele não aceita aquele rótulo.

- *“A religião influencia na maneira com que as pessoas olham para outra e influencia as escolhas delas e, tipo, acaba dando problema, acaba sendo conflituoso.”* (aluna)

O direcionamento do desejo sexual também pode sofrer influência de experiências anteriores de violência por parceiro íntimo, segundo parte de nossos interlocutores. Vários estudantes destacaram que as mulheres têm possibilidade de se tornarem lésbicas quando não são bem tratadas pelos homens e/ou são vítimas de violência. A decepção com o sexo oposto seria um fator que influenciaria a orientação do desejo sexual.

- *“... que a maioria das mulheres agora, tão virando lésbica por causa de agressão. Entendeu? Porque ela namorando uma mulher ela vai ser muito menos vulnerável à agressão”.* (aluno)

Identificação da orientação sexual estabelecida pela natureza e pela experimentação

A segunda categoria surgiu das narrativas dos estudantes que discordam daqueles que acreditam que há influência da sociedade na identificação da orientação sexual. Eles defendem a ideia de que o desejo é inato e descoberto no decorrer da vida. Além disso, parte deles inclui também a necessidade de experimentar para ter certeza. Quando perguntados sobre como as pessoas descobrem a própria atração sexual, alguns alunos afirmaram que desde criança pode-se perceber os indícios de desejos homoafetivos, embora o foco da pergunta tenha sido a atração sexual, de modo geral, e não a homossexualidade.

Segundo alguns entrevistados, a descoberta da orientação sexual, apesar de acontecer mais frequentemente na adolescência, pode ocorrer em qualquer época da vida e também pode mudar, não é fixa. Deste modo, o reconhecimento da orientação do desejo viria com a maturidade. A orientação sexual se descortina reconhecendo seus próprios sentimentos. Alguns são heterossexuais durante grande parte da existência e depois se descobrem com atração sexual por pessoas do mesmo sexo.

- *“Chega uma idade que você começa a sentir desejo sexual. Começa a perceber que olha pro seu amigo e já não é mais aquela coisa, você quer mais. A partir do momento que passa a acontecer, vai percebendo o que você sente e por quem”.* (aluna)

- *“Tipo, a vida é muito longa pela frente, sabe? Tem gente que só idoso começa a ter atração tanto homem com homem quanto mulher com mulher.”* (aluna)

- *“Eu acho que a pessoa vai se descobrindo aos poucos, pode descobrir com 70 anos ou com 13.”* (aluna)

Alguns participantes afirmaram que as pessoas podem sentir vontade de ter contatos com homens ou mulheres por curiosidade e não por desejo. Quando ocorre de não gostar de um ou de outro sexo, não necessariamente quer dizer que a pessoa é homo ou heterossexual. Ela pode apreciar ou não o contato por causa da pessoa em si e não pelo sexo dela. Pode gostar de ambos os sexos também.

- *“Às vezes você nem sente atração, você vai lá só por curiosidade. Aí você beija uma pessoa e fala “pô, não gostei”, aí você beija outra pessoa e vê se o problema era da pessoa ou se era da pessoa ser, tipo, ou menino ou menina, entendeu?”*. (aluna)

- *“Cara, às vezes você gosta de homens e mulheres...”* (aluno)

Diversos estudantes foram categóricos em afirmar não ter como interferir no desejo das pessoas. O meio social pode influenciar o comportamento do indivíduo, mas não o que ele sente.

- *“Você pode nascer em um ambiente extremamente preconceituoso.... Você vai sentir desejos, mas vai tentar se adequar ao padrãozinho. Vai tentar suprimir aquilo... Mas o desejo sexual pela pessoa do mesmo sexo, acho que não tem como influenciar”*. (aluna)

A necessidade de experimentar para se ter certeza da orientação sexual esteve presente nas narrativas de uma parcela dos estudantes, principalmente entre as moças. Apesar de alguns rapazes concordarem, ao mesmo tempo afirmaram que jamais experimentariam ter contatos sexuais com alguém do mesmo sexo:

- *“Eu poderia até falar que era experimentando (para saber a orientação sexual), mas eu nunca ia experimentar não.”* (aluno)

- *“Eu nunca experimentei e nem tenho vontade de experimentar. Isso não quer dizer que um dia eu vá ser viado”.* (aluno)

- *“Eu acho que eu não posso falar que não gosto de uma coisa se eu não tiver provado ela, sabe? Tem gente que olha e fala ‘ai, nossa, eu nunca vou ser gay!’ Cara, a pessoa não sabe. Ela pode passar por um momento na vida dela que mostra que talvez sim, ela poderia ser, sabe?”* (aluna)

- *“Pode ser que você nunca tenha, tipo, interesse de experimentar e ficou feliz de outro jeito. Mas isso não funciona para todo mundo”.* (aluna)

Algumas estudantes afirmaram que existem pessoas que só “se descobrem” homossexuais depois de muitos anos em relações heterossexuais. Porém, foi enfatizado que a necessidade de experimentação é direcionada somente às pessoas de orientação diversa da heterossexual, pois o esperado é que todos sejam heterossexuais.

- *“Só tem que experimentar para saber quem é homossexual ou bi. Eu nunca ouvi uma pessoa falando: ah, você tem que experimentar pra saber se é hetero. Porque já é uma coisa pré-estabelecida que esse é o normal.”* (aluna)

- *“Só quando ele ‘foge’ dos padrões, quando ela é homossexual ou bissexual. Então eu ouço gente falar ‘você nunca experimentou, você não sabe’. Eu não acho que isso seja verdade, entendeu? Eu acho que quando a gente começa a sentir desejo... isso acontece antes de experimentar.”* (aluna)

A necessidade que as pessoas têm de rotularem umas as outras em relação à orientação sexual também foi questionada nos grupos.

- *“Por exemplo, eu posso namorar menina também e homem pode namorar menino também. Nessa época da minha vida eu fiquei na dúvida do que eu gostava. Eu fiquei tipo assim, ‘gente do que eu gosto?’ A minha cabeça estava muito confusa... Mas essa concretização do que você realmente vai querer vem com o tempo, com a sua maturidade, com a sua experiência, entendeu?”* (aluna)

- *“Existe também da pessoa não se rotular, dela não falar, eu gosto de homem ou gosto de mulher. Mas, se existirem outras possibilidades eu posso gostar também. Por que eu não vou, né? Por que que eu vou me bloquear àquilo?”* (aluna)

A experimentação de ambos os sexos e a bissexualidade também foram temas trazidos pelos jovens entrevistados. Entretanto, houve quem dissesse que através da experiência com ambos os sexos dá para saber do que gosta mais. Em uma das escolas algumas estudantes afirmaram que quando eram crianças tinham “namoradinhos” e “namoradinhas”. A experimentação é, segundo essas falas, considerada como algo por que quase todos passam, pois todos são bissexuais quando crianças.

4. Discussão

O que é ser homossexual ou heterossexual em uma determinada sociedade não é o mesmo em diferentes épocas e localidades (Costa, 1996). Portanto, sofre influências do contexto histórico e social. Nosso estudo traz contribuições ao entendimento deste processo de identificação e definição da orientação sexual na visão de indivíduos que estão o vivenciando em sua fase mais intensa.

Em nossa sociedade, a identificação sexual se dá ao longo de um complexo processo biopsicológico e social, no qual as atitudes dos familiares influenciam de maneira determinante (Knobel, 1992). Quando a família é conservadora, o processo de definição da orientação sexual dos filhos, principalmente por parte dos que não seguem a heteronorma é muito mais difícil. A heterossexualidade é imposta através dos ensinamentos de que não existe outra possibilidade de existir no mundo. Segundo Butler (2015), as práticas reguladoras do sexo produzem identidades coerentes, através da matriz de regras de gênero e de orientação sexual. Existe uma heterossexualização do desejo que instaura a produção de oposições discretas e assimétricas entre feminino e masculino, que designam o que é ser homem e o que é mulher. A matriz cultural que determina a identidade de gênero não reconhece as identidades em que o gênero não é em decorrência do sexo e outras em que as práticas do desejo não são consequências nem do sexo nem do gênero. Determinadas identidades de gênero que não se adaptam a estas regras são consideradas defeitos do desenvolvimento ou impossíveis de existir dentro dessa lógica, o que provoca sofrimento que pode levar ao adoecimento. Estudo realizado na China com 1810 estudantes de ensino médio

evidenciou associação estatisticamente significativa entre identidade lésbica, gay e bissexual e autolesões não suicidas (Li et al., 2019).

A discordância encontrada entre nossos interlocutores sobre o peso da influência da família, da religião e da sociedade no processo identificação sexual é corroborada por Silva (2015), em estudo desenvolvido com adultos jovens homossexuais. Neste estudo o autor verificou que a discriminação que os jovens sofreram não os fez mudar a orientação e nem abalou a convicção do que sentiam. A clareza sobre a homossexualidade existia desde a infância, mas somente na adolescência revelaram aos familiares. Segundo Silva, nas famílias em que acontece a revelação e há aceitação da homossexualidade, seus membros esperam comportamentos discretos, que atendam às expectativas de gênero. Também nesse sentido, Calzo et al. (2011) apontam que muitos adolescentes não se apresentam ou vivenciam experiências homossexuais por conta do receio da reação de seus familiares e colegas de escola. Deliberadamente, retardam a vivência da sexualidade até a vida adulta, quando teriam alguma autonomia financeira para sair da casa dos pais ou até que terminem a escola.

Toledo e Filho (2013) argumentam que a reiteração da heteronormatividade no contexto familiar pode se manifestar de formas distintas e em graus variados, indo desde o total silenciamento sobre o assunto até discursos de natureza homofóbica. Destacam que, entre as participantes de sua pesquisa, o processo de descoberta do homoerotismo pela família foi atravessado por controle, vigilância, perseguição, invasão de privacidade, proibições, ameaças, chantagens e agressões (Toledo & Filho, 2013). No estudo de Calzo et al (2011) citado anteriormente, verificou-se que a supressão da identidade homossexual dos indivíduos na adolescência pode ocasionar o desenvolvimento de baixa autoestima, queda no desempenho escolar, além de problemas na saúde física e mental.

Sell (2010), em investigação sobre a formação da identidade homossexual, considera que pelo fato do meio social ser anterior ao próprio indivíduo, embora existam elementos que são inerentes ao ser humano, a natureza é modelada pelos padrões da cultura. Dessa forma, há um confronto entre o indivíduo e os valores tradicionais do seu grupo social, e assim surgem as divergências e os conflitos. Em estudo qualitativo longitudinal sobre o desenvolvimento sexual de adolescentes do sexo masculino evidenciou-se a influência dos fatores sociais como gênero, religião e homofobia na definição da identidade sexual (Morgan, Saunders, Dodge, Harper, & Arrington Sanders, 2018).

A influência da religião na definição da identidade sexual referida pelos interlocutores em nosso estudo foi semelhante ao encontrado por Silva et al (2013), em investigação com jovens pertencentes a diferentes grupos religiosos de São Paulo. Para eles, a religião

influencia na forma como o indivíduo reage em relação à homossexualidade. Destacaram que as doutrinas cristãs protestantes são mais homofóbicas, pois consideram a homossexualidade como pecado ou algo errado, justificado através da Bíblia, até mesmo a comparando à pedofilia. Pesquisa internacional recente também corrobora o papel da religiosidade na atração romântica e sexual (Cohen et al., 2020). Os autores observaram em estudo longitudinal realizado com 1844 adolescentes croatas que os indivíduos religiosos eram mais propensos a relatar atração exclusivamente heterossexual e fixas, sem mudanças ao longo do tempo.

A busca de relacionamentos com pessoas do mesmo sexo após vivências de violência com pares do sexo oposto, apontada por alguns estudantes nos grupos, vem ao encontro dos resultados de estudo realizado com adolescentes sobre o significado das suas vivências homossexuais. Entre as moças, sobressaíram os sentidos da atividade homossexual relacionada ao amor e como consequência à violência sexual sofrida antes do início da experiência homossexual (Taquette & Rodrigues, 2015).

A espontaneidade com que surgiu o tema homofobia durante o debate no grupo sobre a descoberta da atração sexual demonstra como a discriminação interfere nesse processo. De acordo com Silva et al. (2013), para a juventude homossexual esse percurso é longo e árduo, dificultado por experiências de heterossexismo, descrédito, homofobia e preconceito. Além dos desafios do crescimento e desenvolvimento próprios da adolescência, aqueles que não seguem a norma também têm que gerenciar uma identidade sexual estigmatizada. A homofobia é particularmente danosa na adolescência porque a atração homossexual se manifesta num período em que a identidade sexual é mal consolidada e frágil. Situação pior pode ser verificada na vivência da transexualidade. Durante a fase da adolescência, qualquer comportamento negativo com relação à identidade de gênero de adolescentes transgêneros, pode acarretar em prejuízo para a saúde destes (Yadegarfarid et al., 2014). Ideação e tentativa de suicídio são mais frequentes em adolescentes transgêneros do que cisgêneros (Thoma et al., 2019).

O desejo sexual, para parte dos nossos entrevistados, surge nas pessoas de acordo com sua natureza, independente das influências que sofram. Esse significado foi percebido nas narrativas, principalmente em referência ao desejo por pessoas do mesmo sexo. Tal mensagem expõe a compreensão subjacente de alguns de que apenas o desejo homossexual será percebido, enquanto o heterossexual apenas acontece, sem que a pessoa o defina como um “desejo heterossexual”, pois este é entendido como normal.

A concepção de que as influências socioculturais não são preponderantes no direcionamento do desejo sexual é apoiada por amplo estudo de prevalência de orientação sexual realizado em 28 países com 191.088 participantes. Os resultados dessa investigação sugerem, a partir da estabilidade das taxas de heterossexualidade, bissexualidade e homossexualidade observadas nas diferentes nações tanto para homens como para mulheres, que a orientação sexual tem fatores subjacentes que não são de origem sociocultural (Rahman et al., 2020).

Em artigo que lança luz sobre o processo de socialização sexual, Robertson (2014) procura a resposta à questão de como o indivíduo sabe que é gay. Segundo a autora, em pesquisa em um centro de convivência de jovens LGBT, o processo de construção da identidade gay ocorre em quatro estágios. No primeiro o jovem subverte a heterossexualidade compulsória, se comportando de forma diversa do considerado normal. Em seguida busca uma explicação para tal diferença, para num terceiro estágio explorar a sexualidade e outras características identitárias junto a outros gays. No quarto e último estágio o jovem negocia a consolidação de sua identidade, oscilando comportamentos até se fixar naquele no qual se identifica. Esta consolidação da orientação sexual parece ocorrer com a maturidade e a experiência, segundo relatório nacional sobre saúde sexual de pesquisa realizada nos EUA. O estudo mostra que na faixa etária de 18 a 24 anos tanto as mulheres (75,9%) quanto os homens (88,6%) eram menos propensos a dizer que se sentiam atraídos “apenas pelo sexo oposto” do que as mulheres (82,8%) e homens (93,4%) com idades entre 25 e 44 anos (Copen et al., 2016).

A rejeição dos rapazes à ideia defendida, principalmente pelas moças, da necessidade de experimentar para se ter certeza do desejo que sentem pode significar um medo de serem considerados homossexuais. Borillo (2010) afirma que a homofobia é também um elemento constitutivo da identidade masculina. Segundo o autor, o cúmulo da falta de virilidade é assemelhar-se à feminilidade, sendo feminino aquele que é passivo e penetrado. Os rapazes devem estar, portanto, provando constantemente a si e aos outros que não são homossexuais. Na percepção de nossos interlocutores, hoje as pessoas têm muito mais liberdade para experimentar. Os que defenderam que é preciso testar para descobrir a sexualidade dizem que muitos não se descobriram justamente porque não “provaram”. Ou seja, há uma fluidez nas identidades sexuais. A sexualidade não é fixa. Pessoas podem ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais hoje e no futuro mudarem. Esta modalidade de discurso apareceu mais entre as mulheres entrevistadas, o que segundo Policarpo (2016), acontece porque a construção da identidade sexual delas se dá num processo de transição gradual da amizade à

paixão e ao amor, diferente dos homens. A maior fluidez das identidades sexuais e comportamento sexual no sexo feminino foi verificada em estudo longitudinal sobre atração sexual desenvolvido com 744 estudantes do ensino médio de baixa renda em zona rural do sudeste dos EUA (Stewart et al., 2019).

As narrativas de nossos interlocutores nos levam a argumentar que o desejo de experimentar e a curiosidade presente nesta etapa da vida da adolescência não parece ser exercido com liberdade pelos adolescentes do sexo masculino, que ficam restritos à prática heterossexual. A experimentação é mais aceita entre aqueles que têm sexualidade diversa da heterossexual para provar a si mesmo que não sentem atração pelo sexo oposto. Esta lógica valida a opressão que sofrem aqueles que não se enquadram na heteronorma. Essas experiências sexuais diversas foram verificadas em estudo sobre as expressões das identidades sexuais de um grupo de jovens em contextos de sociabilidade homoerótica realizado por Monteiro e cols (2010). As autoras, baseadas na teoria de que há um peso da cultura e da história na definição e diferenciação do significado e dos padrões de experiência sexual dos grupos sociais, argumentam que parece não haver correspondência direta entre desejo, práticas sexuais e identidade sexual nas biografias dos sujeitos. A identidade do indivíduo não está assentada exclusivamente na experiência da sexualidade. No universo juvenil o aprendizado da sexualidade está em transição, num processo mais amplo de experimentação pessoal e de incorporação de valores entre parceiros, constituído pelos sistemas de normas e hierarquias sociais. Há uma ampliação das experiências sexuais e uma tendência a menor fixidez das identidades sexuais.

Apesar da necessidade mais intensa de experimentação entre os que têm preferência homoafetiva, demonstrada nos relatos dos estudantes, e também de que a definição da orientação pode mudar ao longo do tempo, estudo feito com adolescentes com experiências homossexuais evidenciou que aqueles que se reconheciam homossexuais tinham a compreensão de que eram assim desde criança (Taquette & Rodrigues, 2015). Por outro lado, sabe-se que não há obrigatoriamente conexão entre comportamento e identidade sexual. As pesquisas pioneiras sobre sexualidade desenvolvidas por Kinsey et al. (1948 e 1953) revelaram que os indivíduos apresentam comportamentos sexuais variados durante a vida, estáveis ou transitórios. Há pessoas que se identificam com gays, participam da comunidade gay, mas não têm qualquer atividade homossexual. Outros são homossexualmente ativos (p.ex em situações de privação de liberdade), mas recusam o rótulo de homossexual.

Esta necessidade de rótulo imposta pela sociedade heteronormativa levanta questões se a orientação sexual é uma escolha, uma opção ou se é da própria natureza (Oliveira Jr. &

Rose Maio, 2016). O autor argumenta que muitos sujeitos, reconhecidamente heterossexuais, vivem experiências com pessoas do mesmo sexo sem que se reconheçam homossexuais ou bissexuais. Conclui que esta discussão só deixará de ter significado a partir do momento em que se desestabilizar a heterossexualidade como ideal de normatividade, que vem ao encontro da teoria *Queer* que de acordo com Judith Butler (2015), rompe com as normas prescritas para o comportamento sexual e amoroso e uma não aceitação da classificação dos indivíduos em categorias universais como “homem” ou “mulher”, “homossexual” ou “heterossexual”. Segundo Butler existem numerosas variações culturais, sem que nenhuma seja mais “fundamental” ou mais “natural” do que as outras.

Numa sociedade heteronormativa, desde cedo as pessoas são rotuladas, o que as coíbe de experimentar outras possibilidades de relação tão relevantes na fase de busca de identidade da adolescência. Nesse paradigma, quem se permite à experimentação, põem-se vulnerável a diversas formas de violência, dentre as quais o chamado ‘estupro corretivo’. Segundo Gomes e Fehlberg (2015), atos como esse se baseiam na crença de que o lesbianismo se origina na falta de contato heterossexual. Trata-se da tentativa de curar a homossexualidade de mulheres, adolescentes e adultas, que são ou se presume serem lésbicas (Koraan & Geduld, 2015).

Martins et al (2016), em artigo onde abordam o estupro corretivo e estereótipos da homossexualidade afirmam que com mulheres lésbicas isso ocorre pela descrença da sociedade em sua sexualidade, criando-se pensamentos como ‘ela não encontrou o homem certo’ e, assim, fazendo alguns homens acreditarem ter o direito de abusar sexualmente destas mulheres. Afirmam, ainda, que essa violência também atinge homens gays, pois os homens heterossexuais acham justo estuprá-los, já que gostam de homens.

5. Considerações Finais

As opiniões variadas, divergentes e por vezes contraditórias dos estudantes e o aparecimento espontâneo do tema homofobia na discussão sobre a descoberta da atração sexual, assim como a assunção por alguns do conceito de gênero, como sinônimo de orientação sexual, evidenciam a influência da heteronormatividade e do binarismo de gênero no desejo sexual dos adolescentes. Trata-se da percepção de forte controle e expressiva repressão à livre manifestação dos sentimentos e sensações sexuais dos seres humanos, mesmo sendo nosso universo de estudantes pesquisados limitado e composto majoritariamente de indivíduos heterossexuais.

Adolescentes heterossexuais não se interrogam sobre a própria orientação do desejo. Eles simplesmente sabem que são heterossexuais, pois isso é o “normal” na sociedade. A heterossexualidade obrigatória garante que as pessoas heterossexuais não sejam confrontadas com o processo de questionar sua orientação sexual, identidade e comportamento. Só se perguntam aqueles que fogem à norma. Sentem-se estranhos e diferentes e experimentam para ter certeza daquilo que sentem. É como se não fosse permitida outra maneira de existir além da heterossexual.

As diferenças das narrativas das moças e dos rapazes exteriorizam a maciça preponderância dos padrões de gênero, sendo a masculinidade marcadamente assentada no rechaço à homossexualidade. Por outro lado, nossos interlocutores confirmam a maior liberdade de experimentação e fluidez na vivência da sexualidade observada na atualidade. Entretanto, apesar da fluidez da sexualidade percebida por alguns jovens, o que sinaliza mudanças sociais no sentido da ampliação das possibilidades de manifestações sexuais, ainda prevalece, nas sociedades heteronormativas, o estranhamento, a segregação e a rejeição da diversidade sexual.

Por fim, ressaltamos as limitações deste estudo, restrito ao público adolescente de estudantes do ensino médio de uma cidade de grande porte. Para maior compreensão do tema identificação/definição da orientação sexual seria importante complementá-lo com investigações prospectivas futuras em que os adolescentes pudessem ser ouvidos em pelo menos dois momentos do seu processo de desenvolvimento e assim expandir o alcance de seus resultados.

Agradecimentos

Agradecemos a participação, durante o desenvolvimento da pesquisa, dos bolsistas de iniciação científica da UERJ Mariana Carneiro e Luca Zingali Meira, da professora de enfermagem da UERJ Simoni Furtado Costa e da assistente social Juliane Escascela.

Referências

Blais, M., Gervais, J., & Hébert, M. (2014). Homofobia internalizada como mediador parcial do bullying homofóbico e autoestima entre jovens de minorias sexuais em Quebec (Canadá). *Ciencia e Saude Coletiva*, 13(3), 727–735. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.16082013>

Bley, A. M., Turato, E. R., Rivorêdo, C. R. S. F. de, Silva, R. B. de P. e, Maciel-Guerra, A. T., Marques-de-Faria, A. P., Baptista, M. T. M. (2012). Sexual difference, identification and object choice in individuals with sex differentiation disorders. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. <https://doi.org/10.1590/s1415-47142012000300002>

Borillo, D. (2010). *Homofobia - História e crítica de um preconceito* (1ª). Retrieved from www.autenticaeditora.com.br

Butler, J. (2015). *El género en disputa*. Barcelona: Paidós.

Calzo, J. P., Antonucci, T. C., Mays, V. M., & Cochran, S. D. (2011). Retrospective recall of sexual orientation identity development among gay, lesbian, and bisexual adults. *Developmental Psychology*. <https://doi.org/10.1037/a0025508>

Calzo, J. P., & Blashill, A. J. (2018). Child Sexual Orientation and Gender Identity in the Adolescent Brain Cognitive Development Cohort Study. *JAMA Pediatrics*. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2018.2496>

Cohen, N., Becker, I., & Štulhofer, A. (2020). Stability versus Fluidity of Adolescent Romantic and Sexual Attraction and the Role of Religiosity: A Longitudinal Assessment in Two Independent Samples of Croatian Adolescents. *Archives of Sexual Behavior*. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01713-y>

Copen, C. E., Chandra, A., & Febo-Vazquez, I. (2016). Sexual behavior, sexual attraction, and sexual orientation among adults aged 18–44 in the United States: Data from the 2011–2013 national survey of family growth. *National Health Statistics Reports*.

Costa, J. F. (1996). O referente da identidade homossexual. *Sexualidades Brasileiras*, 63–89.
De Lima Silva, M. M., Frutuoso, J. F. F., Feijó, M. R., Valerio, N. I., & Chaves, U. H. (2015). Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas Em Psicologia*, 23(3), 677–692. <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-12>

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2018). *The Sage handbook of qualitative research*. Sage publications.

Foucault, M. (1999). *História da Sexualidade I - A vontade de saber* (13th ed.). <https://doi.org/10.1111/j.1749-5687.2007.00005.x>

Gomes, E., & Fehlberg, J. (2015). Lesbofobia: a construção de um novo conceito. *Psicologia Em Foco*, 4(1).

Heilborn, M. L. (2006). *Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis* (1ª). Retrieved from <https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=2atSW6KG7U0C&oi=fnd&pg=PA29&dq=Experiência+da+Sexualidade,+Reprodução+e+Trajetórias+Biográficas+Juvenis&ots=GYjf7IW Xqh&sig=RtUjkj6E-VOLVgGnGjTXsetEi9E>

Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., & Martin, C. E. (1948). *Sexual behavior in the human male*. Retrieved from <https://ajph.aphapublications.org/doi/full/10.2105/AJPH.93.6.894>

Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., & Martin, C. E. (1953). *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: W. B. Saunders.

Knobel, M. (1992). *Orientação familiar* (2ª). Campinas: Papirus.

Koraan, R., & Geduld, A. (2015). “Corrective rape” of lesbians in the era of transformative constitutionalism in South Africa. *Potchefstroom Electronic Law Journal*, 18(5), 1930–1952. <https://doi.org/10.4314/pelj.v18i5.23>

Li, X., Zheng, H., Tucker, W., Xu, W., Wen, X., Lin, Y., ... Yang, W. (2019). Research on relationships between sexual identity, adverse childhood experiences and non-suicidal self-injury among rural high school students in less developed areas of China. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. <https://doi.org/10.3390/ijerph16173158>

Martins, L. P., Dos Santos, A. V. G., & Teixeira, R. L. P. (2016). Homossexualidade e Corpos

Estereotipados. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos Em Cultura e Sociedade*.
<https://doi.org/10.23899/relacult.v2i4.271>

Mmari, K., Blum, R. W., Atnafou, R., Chilet, E., de Meyer, S., El-Gibaly, O., ... Zuo, X. (2017). Exploration of Gender Norms and Socialization Among Early Adolescents: The Use of Qualitative Methods for the Global Early Adolescent Study. *Journal of Adolescent Health*.
<https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.07.006>

Monteiro, S., Vargas, E., Cecchetto, F., & Mendonça, F. (2010). Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). *Cadernos Pagu*, 35, 79–109. <https://doi.org/10.1590/s0104-83332010000200004>

Morgan, A., Saunders, B., Dodge, B., Harper, G., & Arrington Sanders, R. (2018). Exploring the Sexual Development Experiences of Black Bisexual Male Adolescents Over Time. *Archives of Sexual Behavior*. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-1084-4>

Oliveira Jr., I. B. de, & Rose Maio, E. (2016). Opção ou orientação sexual? (Des)controvérsias na (des)caracterização da homossexualidade. *Ensino Em Re-Vista*, 23(2), 324–344. <https://doi.org/10.14393/er-v23n2a2016-1>

Ortiz-Hernández, L., & Valencia-Valero, R. G. (2015). Disparidades en salud mental asociadas a la orientación sexual en adolescentes mexicanos. *Cadernos de Saude Publica*, 31, 417–430. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00065314>

Policarpo, V. (2016). Para lá da heteronorma: subjectivação e construção da identidade sexual. *Revista Estudos Feministas*, 24(2), 541–562.

Rahman, Q., Xu, Y., Lippa, R. A., & Vasey, P. L. (2020). Prevalence of Sexual Orientation Across 28 Nations and Its Association with Gender Equality, Economic Development, and Individualism. *Archives of Sexual Behavior*. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01590-0>

Robertson, M. A. (2014). “How Do I Know I Am Gay?”: Understanding Sexual Orientation, Identity and Behavior Among Adolescents in an LGBT Youth Center. *Sexuality and Culture*, 18(2), 385–404. <https://doi.org/10.1007/s12119-013-9203-4>

Sell, T. (2010). O indivíduo eo meio social na formação da identidade homossexual. *Estudos Feministas*, 18(1), 263–275. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2010000100016&script=sci_arttext&tlng=pt

Silva, C. G. da, Paiva, V., & Parker, R. (2013). Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 17, 103–117. <https://doi.org/10.1590/s1414-32832013000100009>

Stewart, J. L., Spivey, L. A., Widman, L., Choukas-Bradley, S., & Prinstein, M. J. (2019). Developmental patterns of sexual identity, romantic attraction, and sexual behavior among adolescents over three years. *Journal of Adolescence*. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.10.006>

Taquette, S. R., & Rodrigues, A. de O. (2015). Experiências homossexuais de adolescentes: Considerações para o atendimento em saúde. *Interface: Communication, Health, Education*, 19, 1181–1191. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0504>

Taquette, S., & Borges, L. (2020). Pesquisa Qualitativa para Todos (1a). São Paulo, SP: Vozes.

Teixeira-Filho, F. S., & Rondini, C. A. (2012). Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saude e Sociedade*, 21(3), 651–667. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000300011>

Thoma, B. C., Salk, R. H., Choukas-Bradley, S., Goldstein, T. R., Levine, M. D., & Marshal, M. P. (2019). Suicidality disparities between transgender and cisgender adolescents. *Pediatrics*. <https://doi.org/10.1542/peds.2019-1183>

Thomas, T. R., Hofammann, D., McKenna, B. G., van der Miesen, A., Stokes, M. A., Daniolos, P., & Michaelson, J. J. (2020). Community attitudes on genetic research of gender identity, sexual orientation, and mental health. *Plos One*, 15(7), e0235608.

Toledo, L. G., & Filho, F. S. T. (2013). Homofobia familiar: Abrindo o armário “entre quatro

paredes.” *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3), 376–391. Retrieved from <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229029496005.pdf>

Yadegarfar, M., Meinhold-Bergmann, M. E., & Ho, R. (2014). Family Rejection, Social Isolation, and Loneliness as Predictors of Negative Health Outcomes (Depression, Suicidal Ideation, and Sexual Risk Behavior) Among Thai Male-to-Female Transgender Adolescents. *Journal of LGBT Youth*, 11(4), 347–363. <https://doi.org/10.1080/19361653.2014.910483>

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Thenessi Freitas Matta – 25%

Stella Regina Taquette – 25%

Luciana Maria Borges da Matta Souza – 25%

Claudia Leite de Moraes – 25%